

1.1. Deus enquanto espírito criativo

No princípio, Deus criou os céus e a terra.

E a terra era informe e vazia; e as trevas cobriam o abismo. E o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.

Gênesis 1:1-2

Como é Deus apresentado no início do grande livro do Gênesis? Como um espírito animado – criativo, móvel e ativo –, algo que faz, algo que é. Deus é, em resumo, *uma personagem* cuja personalidade se revela a si mesma à medida que o relato bíblico se desenrola.

O Gênesis abre com uma confrontação. Deus “move-se” sobre a superfície das “águas”. O que significa *mover-se*? Que Deus é móvel, obviamente. Menos obviamente, *mover-se* é a expressão que usamos quando somos tocados por algo de profundo. Deus é aquilo que nos encontra quando novas possibilidades surgem e ganham forma. Deus é aquilo que encontramos quando somos movidos até ao mais fundo de nós mesmos.

O que significa, então, *águas* – particularmente as águas que Deus não criou ainda? Trata-se do hebreu antigo *tehom* ou *tohu va bohu*: caos; potencial; aquilo que espreita, mas ainda não foi revelado – tal como a água constitui um pré-requisito da vida, mas acoita igualmente o desconhecido nas suas profundezas. Deus é, portanto, o espírito que encara o caos; que confronta o vazio, a profundidade; que modela voluntariamente aquilo que ainda não foi realizado, e navega pelo horizonte do futuro em constante transformação. Deus é o espírito que engendra os opostos (luz/trevas; terra/água), bem como as possibilidades que emergem do espaço entre eles:

E Deus disse: "Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras."

E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam sobre o firmamento: e assim aconteceu.

E Deus chamou Céus ao firmamento. Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.

E Deus disse: "Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca." E assim aconteceu.

E Deus chamou Terra à parte seca, e Mar, ao conjunto das águas. E Deus viu que isto era bom.

Gênesis 1:6-10

E Deus disse: "Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos.

Servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a Terra." E assim aconteceu.

Gênesis 1:14-15

Como poderíamos nós, em termos humanos, compreender este primeiro encontro com Deus? O que é que Ele é, e o que é que Ele confronta? Imagine, por momentos, aquilo com que se confronta ao acordar de manhã. A sua atenção não capta os objetos que o rodeiam – a realidade banal da mobília do seu quarto. Em vez disso, medita sobre os desafios e oportunidades do novo dia. Talvez se sinta ansioso, pelo facto de haver simplesmente demasiadas coisas com que lidar. Talvez (oxalá que sim) se encontre numa situação melhor, e anseie, pelo contrário, pelas oportunidades que se lhe apresentam. A sua consciência – leia-se, o seu ser – paira sobre o potencial que lhe é oferecido pelo novo início da manhã de uma

forma semelhante à das condições e do processo da própria criação, tal como descrita nos versos de abertura da Bíblia – uma criação que prossegue a cada olhar que esboçamos e a cada palavra que pronunciamos. Através da consciência, processamos o domínio do possível ser – do tornar-se. Esse é o domínio que inspira ao mesmo tempo esperança, na apreensão que fazemos das coisas positivas que temos pela frente, e ansiedade, face à terrível incerteza da vida.¹

Eis uma outra forma de compreender a nossa confrontação com a possibilidade. Imagine um objeto qualquer. A seguir, imagine que existe um espaço em redor desse objeto, espaço esse que consiste naquilo em que o objeto em questão pode transformar-se à medida que o tempo progride e o contexto se altera. Em condições normais, o estado futuro mais provável de qualquer objeto familiar – uma garrafa, uma caneta, o sol –, pode ser previsto através do seu estado atual. Através de uma reviravolta perversa, porém, ou de uma alteração radical de objetivos, tais constrangimentos podem ser levantados e revelada a possibilidade oculta do objeto. Uma garrafa num bar barulhento pode transformar-se num bastão letal ou, colericamente quebrada, numa lança de arestas afiadas como lâminas. Uma caneta pode transformar-se no mecanismo da própria vida quando inserida na traqueia de alguém em vias de sufocar. O sol pode transformar-se, não no estável e previsível providenciador de vida e luz que define os dias e noites que habitamos, mas na fonte da tempestade solar que inutiliza a rede elétrica da qual tão fragilmente dependemos.

É essa latitude de possibilidades que a consciência confronta e processa, quando apreende o mundo e se determina a agir sobre ele. O nosso movimento em frente no tempo não é, por isso, uma procissão mecânica através de um domínio de atividade estável. A consciência lida com aquilo que ainda se pode autorrealizar exatamente da mesma forma que o espírito

de Deus lida com o vazio e o abismo informe; da forma que o divino lida com a *massa confusa* que é o caos e a oportunidade, e a matriz da qual todas as formas emergem.

Deus é igualmente aquilo (ou aquele) que cria não apenas a ordem mas, como se realça repetidamente ao longo do livro de abertura do *corpus* bíblico, a ordem que é boa. No primeiro dia, ele estabelece a separação entre luz e trevas (Gênesis 1:3-4). No segundo, cria a cúpula dos céus, separando as águas inferiores, as terrestres, das superiores, fonte da chuva (Gênesis 1:6-8). No terceiro, a *terra firme* que habitamos é reunida e separada daquilo que se transforma então nos oceanos, e as plantas aparecem no solo (Gênesis 1:9-13). No quarto dia,

Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.

E Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a Terra,

E para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom.

Gênesis 1:16-18

No quinto dia, surgem os peixes e as aves (Gênesis 1:20-23). Toda esta criação, não obstante a sua qualidade ou bondade imaculadas, luta ainda por ascender, por se desenvolver, como se indica no sexto e último dia da convocação do mundo por Deus. Os animais entram em cena (Gênesis 1:24-25) e, finalmente, o homem e a mulher:

E Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança: e que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra."

E Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; ele os criou homem e mulher. E, abençoando-os, disse-lhes Deus: "Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra: e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na Terra."

Gênesis 1:26-28

Neste final da Criação, Deus parece ter-Se estendido além de tudo o que fizera anteriormente. Apresenta-nos o seguinte juízo: "E Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa" (Gênesis 1:31). O que significa isto? Significa, antes de mais, que Deus não só confronta e modela o caos e a possibilidade, como o faz com propósito e resultados benévolos. Deus é-nos apresentado como o processo ou espírito guiados pelo propósito de que todas as coisas existam e prosperem; numa palavra, o espírito guiado pelo amor. Esta sequência de criação significa, em segundo lugar, não apenas que a vida se deverá manifestar a si própria, e o fará, mais abundantemente, mas também que o fará ao longo da espiral constantemente ascendente – do *bom* ao *muito bom* – que pode ser tida como a definição do próprio céu. Essa é a Escada de Jacob, o processo que faz eternamente com que tudo seja como deveria ser, mas de alguma maneira igualmente melhorando, encontrando novos caminhos para ordens mais elevadas daquilo que é verdadeiro, belo e bom.

A criação culmina na criação do homem e da mulher, e é essa sua criação que é especificamente considerada "muito boa". Os primeiros dois seres humanos, e os homens e as mulheres em geral, são, deste modo, avatares de Deus Ele Mesmo, sendo Deus o espírito criativo que dá ser à ordem a partir do caos e da responsabilidade, e sendo homem e mulher um microcosmos desse espírito, similar ou mesmo

idêntico na sua essência, para sempre encarregados de reiterar o processo criativo. Dificilmente se poderia conseguir imaginar uma concepção mais otimista da Humanidade. Nem tão pouco se poderá imaginar uma maior importância da insistência de Deus. Esta descrição do processo criativo – uma representação da ação da Palavra, orientada para o bem – constitui igualmente uma declaração de princípios basilares: os mesmos princípios a que homem e mulher são imediatamente chamados a submeter-se e a defender. O relato bíblico atribui a cada um de nós um valor que nos coloca no próprio pináculo da criação; um valor muito bom num cosmos que é bom; um valor que supera toda a valorização terrena (considerando como somos reflexo da imagem do próprio divino). Isto, entenda-se, é uma questão de definição. A estaca cravada no solo em redor da qual tudo o resto deve rodar é estabelecida com base no valor divino da Humanidade, e deve ser tida por inamovível, sacrossanta, inviolável: numa palavra, sagrada. Isto é, nada mais, nada menos, que a descrição da ordem moral implícita no próprio cosmos, reflexo da natureza de Deus, homem e mulher, e a fundação em que se firma a ideia de direitos intrínsecos e responsabilidade soberana.

Creemos nesta história? Creemos no que ela afirma e sugere? Em primeiro lugar: o que significa crer, acreditar? Certamente que agimos, individual e coletivamente, como se ela fosse verdadeira, pelo menos quando nos comportamos como deveríamos – pelo menos quando agimos nos genuinamente melhores interesses de nós mesmos e de todos. Tratamos as pessoas que amamos (e até as que odiamos) como se fossem lugares infinitamente valiosos de consciência criativa, capazes de descobrir o seu caminho em frente e de criar o mundo que depende da sua descoberta. São estes supremos identidade e ser que impedem para sempre a luta

desenfreada pelo poder em qualquer organização, sociedade ou estado que se atrevam a ameaçar a soberania individual. Tanto sábios como néscios fariam bem em dar graças por isso ao Senhor.

Objetamos, profundamente ofendidos, se alguém não nos trata como convém a um filho de Deus – isto é, se alguém deixa de nos tratar como se verdadeiramente importássemos. Ofendemo-nos igualmente se tratarmos os outros como se eles estivessem abaixo de nós; como se eles fossem menos do que os seres conscientes de valor divino, de cuja experiência a própria realidade, de alguma forma, misteriosamente depende. Ainda que a história que contamos a nós mesmos, neste novo mundo cada vez mais atesta, materialista e baseado nos factos, exista em contraposição cética a essa crença, continuamos a crer, na medida em que agimos de acordo com essa ofensa, seja ela infligida ou recebida. Nenhum homem que admita não acreditar no livre-arbítrio, ou mesmo na própria consciência, ousa tratar a sua mulher como se esta não tivesse livre-arbítrio ou consciência. Porque não? Porque, se o fizer, sabe que vem tudo abaixo. E é assim porquê? Porque a presunção de valor intrínseco reflete uma realidade suficientemente profunda – suficientemente “real” – para que a neguemos por nossa própria conta e risco prático. Ora, se essa presunção é tão absolutamente necessária, como pode não ser verdadeira? E se a presunção que estrutura toda e cada uma das nossas interações constitui uma aceitação ou dramatização do valor transcendente do indivíduo (incluindo nós mesmos), de que forma, então, não “cremos” na realidade desse valor? A um nível mais profundo, poderemos perguntar: a partir de que momento tem de admitir-se que uma “ficção necessária” é verdadeira precisamente na proporção da respetiva necessidade? Não será que aquilo que é mais profundamente necessário à nossa sobrevivência

represente a essência mesma do “verdadeiro”? Qualquer outra forma de verdade vai contra a vida, e uma verdade que não serve a vida só constitui uma verdade segundo um padrão em última análise contraproducente – e, por consequência, não fundamentalmente “verdadeiro”.

Neste ponto do relato do Gênesis, ainda Deus mal nos foi apresentado enquanto personagem. Não obstante, estes versos de abertura inesgotavelmente ricos descrevem a natureza essencial da ordem cósmica: a existência de um processo que transforma o caos e a possibilidade na ordem habitável que é boa, visando o muito bom; a proclamação de que este processo é simultaneamente fundamental para essa criação, e supraordenado nela; a asserção de que a própria realidade depende dela; a insistência em que os seres humanos participem, e devam participar, neste processo e que a possibilidade de tal participação outorga a cada pessoa valor e responsabilidade divinos e absolutos. O homem (e também a mulher, tão miraculosamente, logo desde o início) são, assim, formulados à verdadeira imagem do divino. Qualquer que seja a essência que tipifica ou caracteriza cada ser humano – o verdadeiro espírito que o torna ao mesmo tempo humano e valioso – é diretamente semelhante à força que transforma o vazio no próprio Jardim Celeste. Todos os mais funcionais e desejáveis lugares e estados do mundo, desde o microcosmos do casamento feliz à comunidade integrada da nação, se baseiam, tanto implícita como explicitamente, em algo de muito semelhante a este pressuposto. Além disso, e de uma forma que reforça o ponto central, a falta dessa crença ou fé faz das terríveis relações e potências que o Homem também pode criar o verdadeiro inferno em que se transformam com demasiada frequência.

Creemos? Quando fraquejamos nesse compromisso, a catástrofe espreita.

1.2. O espírito do Homem no lugar mais elevado

Deus diz aos homens e mulheres da sua nova criação que devem “dominar” a Terra (significativamente, depois de a “povoarem”). Esta ideia tem sido amplamente criticada, nomeadamente devido à sua expansão no versículo seguinte, que atribui a homem e mulher soberania (“domínio”) sobre peixes, aves e “todos os seres vivos”. Aqueles que clamam que deve ser colocada outra coisa na posição supraordenada vociferam a sua objeção ao *ethos* encapsulado nestas palavras. Segundo tais críticos, não são o homem e a mulher em relação com Deus que devem ser elevados, celebrados e adorados... Consideremos as palavras do professor de História Lynn White, colhidas do seu famoso ensaio de 1967, “The Historical Roots of our Ecological Crisis”:

Em especial na sua versão ocidental, o Cristianismo é a religião mais antropocêntrica que o mundo já viu. Já no século II d.C. Tertuliano, e também Santo Irineu de Lião, insistiam que, quando Deus modelara Adão, prefigurava a imagem de Cristo encarnado, o segundo Adão. O Homem partilha, em grande medida, com Deus, a transcendência da Natureza. O Cristianismo, em absoluto contraste com o paganismo ancestral e as religiões da Ásia (com a possível exceção do Zoroastrismo), não apenas estabeleceu um dualismo entre Homem e Natureza, como insistiu em que é da vontade de Deus que o Homem explore a Natureza para alcançar os seus próprios fins... Na Antiguidade, cada árvore, cada nascente, cada regato, cada colina tinha o seu próprio *genius loci*, o seu espírito guardião. Esses espíritos eram acessíveis aos homens, mas muito diferentes deles; centauros, faunos e sereias ilustram a sua ambivalência. Antes de alguém derrubar uma árvore, explorar uma mina

numa montanha, ou represar um ribeiro, era importante aplacar o espírito responsável por essa situação específica, e mantê-lo apaziguado. Já o Cristianismo tornou possível explorar a Natureza com uma atitude de indiferença relativamente aos sentimentos dos objetos naturais.²

O que afirma Whyte? Que é imoral elevar aquilo que é meramente humano; que, o que quer que constitua o termo mal definido Natureza, ou, pior, o ambiente, deve ser posto em primeiro lugar, e não o homem e a mulher, a sociedade, o bem-estar humano. Tais objeções, formuladas a título teórico em nome da Natureza, soam-nos bem – até mesmo altruístas e humildes (porque há de esse presunçoso acidente evolutivo, o Homem, assumir o lugar principal no palco? – mas são, na verdade, exatamente o contrário. Se a Natureza é colocada acima do Homem, de tal modo que cada ribeiro possua o seu espírito transcendente, então homem, mulher e criança serão necessariamente colocados abaixo da Natureza. Tal poderia, em princípio, significar que as maravilhas do meio ambiente se tornariam devidamente valorizadas. Na prática, porém, tal significa com demasiada frequência, pelo contrário, que os seres humanos não recebem mais atenção do que ervas daninhas ou ratazanas. Esta inversão de valor proporciona não tanto a administração da Terra como a exploração daqueles que são considerados não mais valiosos que as mais baixas formas de vida – a exploração por exatamente o tipo de pessoas que permanentemente se chegam à frente para abusar de tal vantagem.

Uma objeção moral semelhante é frequentemente lançada à injunção para povoar a Terra. ("Sede fecundos e multiplicai-vos", Gênesis 1:28). Essa diretiva, no entanto, é proposta num contexto muito particular: um contexto caracterizado pelo espírito que trouxe já consigo a ordem que é boa e muito boa

e que continua a fazê-lo, nomeadamente através da intermediação do Homem. Significa isso que o empreendimento humano da criação, incluindo da família, deve ser prosseguido de forma gratificante, tal como se declara exatamente nesse versículo, que decorre dos que o precedem, e que mais verdadeiramente reflete o espírito do Criador. O domínio da Terra pelo Homem deve ser, para usar uma palavra atualmente contaminada por associação à força ideológica, *sustentável*; deve tornar aquilo que é bom ainda melhor. O nosso planeta não deve ser explorado egoisticamente até à exaustão – uma estratégia que tornaria a injunção de sermos fecundos e nos multiplicarmos rapidamente desprovida de sentido, geracionalmente falando. Por esta razão, Gênesis 2:15 situa Adão, o primeiro homem, no jardim eterno, a fim de "o cultivar e guardar". Esse jardim é o Éden, designação que significa local bem irrigado, e paraíso – *para-daíza* – um jardim murado que rodeia a Natureza.³ Este ambiente otimizado representa o delicado equilíbrio encontrado entre o mundo material e a ordem social que melhor permite a cada pessoa – ou, mais rigorosamente, a cada casal e, depois, família – marcar uma secção de criação para si próprios, para depois trabalhar e sacrificar-se para a integrar na ordem boa ou muito boa.

Injunções bíblicas posteriores para deixar periodicamente repousar a terra (Êxodo 23:11) e para cuidar dos animais de trabalho harmonizam-se com este sentimento produtivo e providente: "O justo cuida das necessidades do seu gado, mas os afetos dos ímpios são cruéis." (Provérbios 12:10). "Não porás o cofinho ao boi que debulha." (Deuteronómio 25:4). "Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao Senhor, teu Deus; não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha, o teu servo e a tua serva, nem os teus animais." (Êxodo 20:10). Nesta última passagem é particularmente esclarecedora a prescrição do descanso, até mesmo para aqueles sobre os quais poderiam ser

facilmente exercidos o poder ou autoridade excessivos. Estes princípios relativos ao cuidado dos outros refletem a noção ainda mais profunda que perpassa o *corpus* bíblico, nomeadamente a de que é exatamente o esforço moral mais elevado que faz a água da vida correr de modo que até o deserto floresça.

"Dominar" também não é subjugar – e qualquer afirmação em contrário deve ser condenada. O divino opõe-se permanentemente ao tirano (como em Êxodo 7-14) e adverte até contra reis aparentemente benevolentes (1 Samuel 8:10-18). Deus é, ademais, apresentado (definido) como o espírito que pune até homens de grandeza assinalável, incluindo mesmo líderes arquetípicos do seu povo que sucumbem às tentações da força e da compulsão (Números 20:12). Os exemplos cimeiros são, evidentemente, primeiro o de Job e depois o de Cristo – a serem tratados de forma exaustiva em obra posterior – que abjuram o uso da força até mesmo nas situações mais provocadoras e desesperadas. Dominar não é, então, controlar e comandar, mas sim colocar tudo no devido lugar – atribuir a tudo o seu valor subordinado ou devido; ordenar tudo hierarquicamente, de sorte que possam ser estabelecidas as prioridades da atenção e da ação; e dispor as coisas de modo que o mundo deixe de ser mero potencial ou desordem. Esta responsabilidade é realçada em Génesis 2, o segundo capítulo da criação, no qual Deus começou por "formar todos os animais dos campos e todas as aves dos céus; e conduziu-os até junto de Adão, a ver que nomes lhes poria" (Génesis 2:19). Este versículo sugere fortemente que a obra da criação empreendida pelo Logos, ou Palavra de Deus, estava de alguma forma incompleta até ser diferenciada pelo Homem, cuja decisão em tais matérias parece estranhamente definitiva: "E os nomes que Adão atribuiu a todas as criaturas, assim ficaram; e Adão designou todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes" (Génesis 2:19).

Adão domina e denomina. Estas são as ações, ou mesmo a essência, da consciência humana. E não é tudo. Dada a dependência do Ser relativamente a essa consciência (dado que Ser sem consciência é literalmente inconcebível e talvez também impossível), a consciência é a essência daquilo que subjaz ao próprio Ser. Esse será o Divino Criador de Todas as Coisas, a inefável realidade da qual depende toda a realidade revelada. Essa será a Palavra identificada como a que era "no princípio", no Génesis e, muito mais tarde, pelo apóstolo João (João 1:1). O herói – o espírito de Adão feito à imagem do espírito funcional – é o processo ativo de dominar e denominar, que representa a valorização que torna possível a percepção, o sentido e mesmo a própria existência. Esse herói confronta-se eternamente com o caos primevo – as águas e o vazio sobre os quais se move o espírito de Deus. Essa possibilidade ainda informe é a Grande Mãe, a matriz da qual emerge a atualidade, a *prima materia*, a matéria primordial da qual tudo o que é tangível e real é primeiramente "feito". E é o herói que a faz. Significa isto, nada mais, nada menos, que os seres humanos criados por Deus têm algo de simultaneamente real e vital com que se ocupar – algo que verdadeiramente importa até mesmo no esquema cósmico.

1.3. O real e a sua representação

O que pode ser mais real do que os factos? Em primeiro lugar, que factos? E aí, na verdade, reside o busílis da questão. É por essa razão que encontramos as histórias arquetípicas na base de qualquer psique bem integrada e comunidade unificada. Estas histórias fornecem a estrutura através da qual apreendemos os factos e comunicamos a hierarquia de valor que confere peso a um facto relativamente a outro. As grandes histórias